

Uma proposta de classificação das manifestações virtuais religiosas

Fernanda Costa e Silva¹
Universidade Federal Fluminense
fernandacostaesilva@gmail.com

Resumo: *Crescem os usos da Internet para fins religiosos. Em função da estreita relação entre comunicação, comunidade e religião, as manifestações religiosas virtuais são um objeto especialmente interessante para o estudo das relações comunitárias na rede. Tal objeto possibilitaria avaliar as características particulares à Internet que estimulam ou não a formação de comunidade e que novidades essas trazem ao modo de “fazer religião”. Como uma primeira etapa dessa investigação, este trabalho busca classificar as diversas formas de manifestação religiosa na rede a partir de uma análise crítica de duas taxonomias já existentes. O principal critério proposto para esta nova classificação é a forma de interação do usuário com o meio. Como exemplo de aplicação, analisa-se a Igreja virtual Church of Fools.*

Résumé: *L'Internet a été de plus en plus employé pour des buts religieux. Vu le rapport étroit entre la communication, la communauté et la religion, étudier des occurrences religieuses virtuelles peut être particulièrement intéressant à la compréhension des rapports de la communauté sur le réseau. Un tel travail rendrait l'évaluation possible de ces dispositifs qui sont particuliers à l'Internet et qui peuvent stimuler la formation des communautés. En outre, il accentuerait également nouvelles possibilités offertes à "font religion". Dans un premier temps dans cette recherche le travail actuel présente une tentative à classifier les différents modes des manifestations religieuses dans l'Internet, commençant par une analyse critique de deux taxonomies établis. Le critère fondamental proposé pour cette nouvelle classification est la manière que l'utilisateur agit l'un sur l'autre avec le milieu. Comme exemple du procédé de classification, le cas de l'église virtuelle Church of Fools est considéré.*

Abstract: *The Internet has been increasingly used for religious purposes. Considering the close relationship between communication, community and religion, the study of virtual religious occurrences can be specially interesting to the understanding of community relationships on the network. Such work would make possible the evaluation of those features that are particular to the Internet and that can stimulate the formation of communities. Furthermore, it would also highlight possible new ways of “doing religion”. As a first step in this investigation the present work presents an attempt at classifying the different modes of religious manifestations in the net, starting with a critical analysis of two established taxonomies. The fundamental criterion proposed for this new classification is the way the user interacts with the medium. As an example of the classification procedure, the case of the virtual Church of Fools is considered.*

Resumen: *El Internet se ha utilizado cada vez más para los propósitos religiosos. En vista de la relación cercana entre la comunicación, la*

¹ Mestre em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense.

comunidad y la religión, el estudiar de ocurrencias religiosas virtuales puede ser especialmente interesante a la comprensión de las relaciones de la comunidad en la red. Tal trabajo haría posible la evaluación de esas características que son particulares al Internet y que pueden estimular la formación de comunidades. Además, también destacaría las posibles nuevas formas del "hacer religión". En primer lugar en esta investigación el actual trabajo presenta una tentativa en clasificar los diversos modos de manifestaciones religiosas en la red, comenzando con un análisis crítico de dos taxonomías establecidos. El criterio fundamental propuesto para esta nueva clasificación es la manera que el usuario obra recíprocamente con el medio. Como ejemplo del procedimiento de la clasificación, se considera el caso de la iglesia virtual Church of Fools.

Palavras-chave: comunidade, religião, Internet

Mots-clé: communauté, religion, Internet.

Keywords: community, religion, Internet.

Palabras clave: comunidad, religión, Internet.

1. Introdução

Desde a concepção da ARPANET em 1969 como uma rede de acesso remoto a informações, restrita a fins militares e de pesquisa, a rede sofreu grandes transformações. Hoje, a Internet está aberta aos usos mais variados, atendendo desde pesquisadores – participantes pioneiros – até crianças, e apresentando, em função (ou não) de seus usos, interfaces diversas – da textual e básica do *ftp* tradicional até as experimentações em realidade virtual.

Dentre as diferentes aplicações que a Internet oferece aos seus navegadores, uma será abordada especificamente por esse trabalho: a utilização da Internet para fins religiosos. Em função da abordagem escolhida, torna-se imprescindível esclarecer duas questões: o que é considerado um fim religioso no âmbito dessa análise, e qual a importância desse tipo de manifestação para o estudo da comunicação contemporânea, que é fundamentalmente o objetivo dessa investigação.

As religiões surgem como forma de entender o que há de mau no mundo (Blumenberg, 1985), resolvendo questões antes mesmo de que sejam formuladas historicamente (Debray, 1993). De acordo com Anderson (1983), é justamente nas suas respostas imaginativas ao peso do sofrimento humano e na sua capacidade de transformar fatalidade em continuidade, que o Budismo, o Cristianismo e o Islamismo conseguiram sobreviver por tanto tempo dentro de formações sociais tão diferentes.

Émile Durkheim (1996, p. 32), referência para o estudo da religião, a define como o “sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”. São, portanto, três os critérios que a definem (Durkheim apud Enciclopédia Einaudi, vol. 30, 1987): a religião é um sistema; a religião refere-se ao sagrado; a religião é fruto de uma comunhão moral.

A relação entre comunidade, comunicação e religião pode ser mais bem compreendida por meio da análise da comunicação feita por James Carey. Ao analisar a comunicação a partir de duas concepções propostas por John Dewey (Carey, 1989) – a de transmissão e a de ritual –, Carey faz questão de estabelecer a conexão de ambas com o imaginário religioso. A visão transmissional da comunicação está ligada à disseminação da palavra de Deus através do espaço e, nesse sentido, esteve durante muito tempo relacionada ao ideal cristão de recriar o reino de Deus na Terra a partir da divulgação de suas crenças através do território. Mesmo com o fim da identificação entre transporte e comunicação que permeava essa abordagem, a concepção de transmissão de mensagens continuou carregando consigo um imaginário moralista, quando não religioso. A vertente ritualística da comunicação, por sua vez, é aquela diretamente ligada à formação de comunidade e, como o próprio nome torna evidente, imediatamente atrelada à religião. O modelo dessa visão é o ritual, a cerimônia sagrada em que os ideais comuns são

partilhados e as crenças comuns reforçadas. Comunidade, comunicação e religião são uma matriz interdependente que merece maior consideração.

A manifestação religiosa, seguindo a comunicação em si, apresenta-se de formas diversas na Internet e uma melhor análise dessas manifestações pode servir para colaborar para nossa compreensão das particularidades do meio, em especial no que diz respeito à formação de comunidades na rede. Com esse intuito, esse estudo constará de duas partes: uma análise de duas classificações religiosas já propostas para a Internet e a sugestão de uma nova categorização; uma exemplificação dessa divisão a partir do caso da experiência religiosa da *Church of Fools*.

2. Duas taxonomias da religião na rede

Entre igrejas, grupos de reza, fóruns, sermões, peregrinações e pagamento de promessas *online*,² mostra-se importante traçar uma classificação dos tipos de manifestações religiosas existentes na rede de modo a analisar de que formas as particularidades da Internet são utilizadas para o “fazer” religião. Dois sistemas dialogantes de classificação de religião virtual serão abordados a seguir: um proposto por Christopher Helland (2002) e outro por Anastasia Karaflogka (2002).

2.1. Religion-online e online-religion

Christopher Helland, em seu artigo *Surfing for Salvation* (2002), propõe uma classificação dos níveis de participação religiosa existentes na Internet. De acordo com Helland (2002, p. 294), em função da estrutura da Internet – que permite igualmente comunicação um-todos e todos-todos –, pode-se

² Ver Church of Fools <www.churchoffools.com>, Virtual Church <www.virtualchurch.org>, The Virtual Church <www.thevirtualchurch.com>, Partenia <www.partenia.org>, Extropy Institute <www.extropy.com>, Meu Santo <www.meusanto.com.br> para alguns exemplos. Ver também Felinto (2004).

utilizar uma classificação heurística “muito simples” que divide as manifestações religiosas em duas categorias: *religion-online* e *online-religion*.

Ainda segundo Helland (2002, p. 294), a Internet é usada por indivíduos de formas diferenciadas: “a maneira como eles [os indivíduos] utilizam esse meio é baseada no que eles acreditam que a Internet é e para que eles acreditam que ela possa ser usada”.³ Partindo desse princípio e também da pesquisa de Annette Markham (apud Helland, 2002) sobre participação na Internet⁴, o autor propõe uma classificação para as manifestações virtuais religiosas em função do tipo de comunicação que elas apresentam ao usuário – um-todos ou todos-todos – e, paralelamente, do tipo de “fazer religioso” que o usuário está buscando.

A primeira classe de manifestação, *religion-online*, equivale ao uso da Internet como ferramenta, isto é, ao uso da rede para comunicação um-todos em que a relação do usuário com a informação é controlada por aquele que a disponibiliza. Apesar de Helland (2002, p. 295) admitir que “é importante reconhecer que nem todas as organizações religiosas oficiais usam a Internet como ferramenta de comunicação um-todos”, ele as coloca como principais participantes dessa classificação em decorrência da maior facilidade que ela oferece para que se exerça controle sobre a que o usuário irá ter acesso (p. 295):

Religion-online parece ser o padrão para grupos religiosos baseados em organizações hierárquicas de Igreja [...]. Para eles, o meio Internet é controlado e utilizado como uma ferramenta para transmissão de uma mensagem ao invés de como um ambiente de compartilhamento de crenças e práticas religiosas.

Helland identifica que esse grau de controle usualmente resulta em formas de disponibilização de informações que dão pouca liberdade ao

³ Todas as traduções são da autora.

⁴ Em sua pesquisa etnográfica, Annette Markham concluiu que os usuários vêem a Internet como ferramenta, lugar ou estado de ser e que cada um desses modos de perceber a rede resultam em um tipo de relacionamento com o meio.

usuário, fazendo com que esse se entedie facilmente. Uma solução adotada por algumas entidades, segundo o autor, é a criação de um *cibermundo* próprio através da elaboração de várias páginas interligadas com aparência estética e conteúdo diferenciados – interessantes e mais voltados ao entretenimento – que produz no visitante a impressão de estar navegando por páginas diferentes. Dessa forma, o usuário tem a impressão de estar percorrendo páginas de forma livre e interativa, sentindo menos necessidade de procurar outros *sites*, quando ainda está navegando por conteúdo controlado pela organização. Outra saída aparente é a apresentação do *site* em várias línguas, atraindo grupos etnográficos que são usualmente marginalizados pela predominância da língua inglesa na Internet.

Fundamentalmente, *religion-online* refere-se a formas de apresentação de informação religiosa na Internet que não oferecem ao usuário qualquer possibilidade de contribuição ou resposta. Por essa razão, segundo Helland, não podem ser qualificadas como uma forma de “fazer” religião.

O outro nível de classificação proposto por Helland – *online-religion* – refere-se a manifestações comunicacionais todos-todos. Essa tipologia está ligada à visão da Internet como lugar ou ambiente. Segundo o pesquisador (2000, p. 298), “para que a *online-religion* possa se manifestar, um certo tipo de modelo interativo precisa ser criado no *site*”. Cabe ressaltar a posição do autor em relação à falta de interatividade do correio eletrônico (2002, p. 297): “ainda que o e-mail possa ser usado para expressar crenças religiosas e espirituais, é uma forma de comunicação um-um/todos que não tem a natureza interativa que muitos indivíduos procuram quando querem ‘fazer’ religião na Internet”.

Ao contrário de *religion-online*, nas manifestações de *online-religion* a contribuição de crenças pessoais e opiniões por parte dos usuários é determinante.

O autor aponta três locais na Internet em que esse tipo de manifestação religiosa parece ocorrer: *sites* religiosos não-oficiais; *sites* de novos movimentos religiosos e grupos pagãos e tecnopagãos⁵; e páginas comerciais criadas especificamente para interação religiosa fora do âmbito oficial de hierarquia e arquitetura de alguma Igreja. Esses *sites* permitem desde discussões a respeito de crenças religiosas até grupos de estudo e rituais *online*.

A taxonomia de Christopher Helland é interessante e especialmente relevante na medida em que usa como critério para classificação o tipo de comunicação utilizado na manifestação religiosa. Por outro lado, torna-se discutível ao relacionar formas de organização religiosa como um todo (ex. novos movimentos religiosos) a determinada classificação, em vez de basear-se em manifestações específicas dessas organizações. Por exemplo, alguns movimentos que pregam a participação no espaço virtual como forma de alcançar a transcendência e obter a salvação, dificilmente poderiam ter suas práticas enquadradas em *religion-online*, ou mesmo em *online-religion*. Porém, esses mesmos movimentos divulgam suas crenças em um *site* tradicional (*online-religion*) que oferece também listas de discussão. Essas, por exemplo, levantam uma outra questão em relação à tipologia: em que categoria se enquadrariam? A lista de discussão seguiria a mesma lógica do *e-mail* um-todos? Que lógica seria essa?

Ao mesmo tempo em que a classificação de Helland apresenta critérios de extrema importância para a discussão das manifestações religiosas – como o tipo de comunicação utilizado e a relação que o usuário busca com a Internet

⁵ O Tecnopaganismo é um movimento que tenta equilibrar as forças da natureza com as forças das novas tecnologias (Pavao, acessado em 06/2005). “O Paganismo é um movimento espiritual anárquico, mundano e celebrativo que busca retomar a mágica, os mitos e os deuses da população européia pré-cristã. [...] Um número surpreendente de pagãos trabalham e jogam em campos tecnológicos” (Davis, 1995). Segundo Mark Pesce (apud Davis, 1995), tecnopagão, “computadores podem ser tão sagrados quanto nós, porque podem incorporar a comunicação entre nós e com as entidades – nossas partes divinas – que invocamos naquele espaço”.

no “fazer religião” – mostra-se um tanto problemática (talvez pela própria simplicidade heurística que o próprio autor se propõe a apresentar) diante da diversidade cada vez maior de manifestações religiosas na rede.

Anastacia Karaflogka (2002) em um artigo apresentado no mesmo número do periódico *Religion* faz uma análise a partir de critérios semelhantes tentando, porém, dar conta dessa variedade manifestativa.

2.2. Religion on e religion in

Karaflogka (2002) oferece uma série histórica de classificações para manifestações religiosas na Internet que, apesar de coincidir em certos aspectos com a tipologia de Helland, leva em consideração outras características específicas dessas manifestações. Sua terceira e última classificação as divide em *religion on* e *religion in*, também baseada na visão da rede como ferramenta ou como ambiente.

Religion on (2002, p.284-285), refere-se à “informação disponibilizada por qualquer religião, Igreja, indivíduo ou organização que também existe e pode ser conseguida fora da Internet”, ou seja, a rede utilizada como ferramenta midiática de transferência de informações pré-existentes. Já *religion in* ou ciberreligião retrata uma expressão religiosa, metafísica ou espiritual que é criada e existe somente no ciberespaço, “gozando de um certo grau de ‘realidade virtual’” e, portanto, utilizando a rede como ambiente.

As ciberreligiões, por sua vez, se dividem em dois tipos. O primeiro é um fenômeno completamente novo, que é visto como introdutor de um novo *insight* na religião pós-moderna. Essas ciberreligiões compartilham algumas características das religiões tradicionais, mas apresentam características pouco usuais, “algumas satíricas, se não cínicas, enquanto outras exibem uma tendência bastante séria” (Karaflogka, 2002, p. 285). O segundo tipo de ciberreligião resume-se ao que a autora chama de Novos Movimentos

Ciberreligiosos: “Novos porque tratam questões usando o novo meio e introduzindo novas possibilidades; Ciberreligiosos porque existem e funcionam principalmente *online*; Movimentos porque podem, potencialmente, mobilizar e ativar a população humana inteira”.

Karaflogka (2002), além de considerar na sua tipologia a forma de comunicação predominante na manifestação religiosa, analisa também a procedência da manifestação realizada, separando-as naquelas que divulgam informações já existentes no mundo *offline* (isto é, informação transferida de um meio para outro) e naquelas que incluem informações, participações e interações criadas/disponibilizadas diretamente no/para o mundo *online*.

Apesar de mais completa que a tipologia de Helland, ainda existe um grau de ambigüidade na determinação do que é ou “conteúdo” ou “expressão religiosa, metafísica ou espiritual” nova e particular da Internet. Classificando-se a partir dessa dicotomia – informações antigas trazidas para a rede x conteúdos novos e movimentos questionadores de manifestação *offline* –, parte-se do princípio que manifestações tradicionais transferidas para a rede ou não sofrerão quaisquer tipo de transformação (podendo ser enquadradas em *religion on*) ou se transformarão em movimentos críticos ou completamente novos (*religion in*). É certo que, a partir da classificação de Karaflogka, um fórum de discussão sobre a religião cristã se encaixaria em ciberreligião e Novos Movimentos Ciberreligiosos (se considerarmos que esse grupo questiona manifestações religiosas tradicionais), mas e um grupo de reza católico que se reúne online com determinada frequência? Seria um NMC ou uma manifestação de *religion on*? Essa nova comunidade poderia ser classificada como expressão religiosa criada e existente somente no ciberespaço? Indo além, como definir que tipo de manifestação goza “de um certo grau de ‘realidade virtual’”?

Diante dessas dificuldades, busca-se em seguida sugerir uma nova classificação –tomando por base ambas as anteriores – que leve em

consideração não páginas inteiras nem movimentos religiosos como um todo, mas as formas de manifestação religiosa e espiritual em si, de modo que o *site* de uma Igreja, por exemplo, possa ser analisado separadamente de seu fórum de discussão ou ainda das práticas religiosas que oferece *online*.

2.3. Uma nova tipologia sugerida para as manifestações religiosas

Retomando a pesquisa feita por Markham (apud Helland, 2002), a Internet é concebida por seus usuários e idealizadores de três modos: como ferramenta, como lugar, e como estado de ser. Cada uma dessas visões implica uma certa utilização do meio e um certo grau de participação e envolvimento do usuário com o ciberespaço. Qualquer tipo de utilização da Internet, as religiosas inclusive, depende de como o ciberespaço é concebido por aquele que a viabiliza (programador, *designer* ou o próprio usuário) e por aquele que o utiliza (Helland, 2002).⁶ A partir desses modos de perceber a Internet sugeridos por Markham, portanto, é possível traçar formas de uso do meio e, partindo dessas, apontar para uma nova classificação das manifestações religiosas virtuais.

2.3.1. Manifestação religiosa informativa – ferramenta

A visão da Internet como ferramenta será associada à *manifestação religiosa informativa* que deve ser entendida como a transferência de informações existentes ou não *offline* através dos padrões de transmissão e consulta de Bordjwick e Kaam (apud Jensen, 1999). Esses autores estabelecem padrões diferentes de comunicação e interatividade a partir de variações no controle e distribuição de informações. A informação produzida e distribuída por um provedor central, ou seja, a tradicional comunicação *one-way*, na qual

⁶ As diferentes formas de percepção do meio estão relacionadas com a interface que medeia a relação entre o usuário e o conteúdo/espaço da rede.

a atividade do consumidor se restringe à recepção de informações é chamada transmissão. O jornal televisivo é um exemplo desse padrão. Sua forma pura na Internet é rara já que, por suas próprias características, a Internet tende a proporcionar certa liberdade de escolhas ao usuário. A comunicação por consulta, por sua vez, é mais comum. Nela, a informação ainda é produzida por um provedor central mas sua distribuição é controlada pelo consumidor: esse escolhe e pede ao provedor as informações de que necessita, tendo a liberdade de escolher dentre as informações disponíveis como, por exemplo, em um *site* na *www* no qual o usuário navega através de *links*.

A informação religiosa, nesse caso, pode se apresentar tanto em formato textual (no caso de um documento a ser baixado por *ftp*, por exemplo), como hipertextual (no caso de uma página em que a informação se encontra dividida em *links*), de áudio ou vídeo, mas sempre considerando o esquema de comunicação *one way*, sem abertura para resposta do usuário – ainda que esse tenha a liberdade de escolher entre uma gama de informações possíveis.

Nesse caso, a religião utiliza a mídia como forma de difusão de suas mensagens, de controle e de poder. Em tempos mais antigos, é possível apontar como Lutero valeu-se da imprensa de forma semelhante para fortalecer a luta protestante contra a Igreja Católica:

Gutenberg já se tornara [...] um herói da cultura popular, quando sua estatura ganhou uma dimensão maior pelo fato de ele propiciar aos pregadores, príncipes e cavaleiros luteranos sua arma mais efetiva, na valorosa luta contra os papas. O próprio Lutero descreveu a imprensa como “o mais elevado e extremo ato da graça de Deus, por meio do qual se leva à frente a obra do Evangelho” (Eisenstein, 1998, p.169).

Por meio da descrição de um cronista luterano do século XVI (apud Eisenstein, 1998, p. 170) sobre como o debate sobre as *Noventa e cinco teses* de Lutero saem da “porta das Igrejas” para “espalhar-se pelo mundo”, também é possível perceber como a mídia difusora de mensagens era retratada como

própria mensageira de Deus⁷: “foi como se os próprios anjos tivessem sido seus portadores e as trouxessem diante dos olhos de todo o povo”.

Atualmente, vemos a mensagem religiosa difundida através de emissoras específicas de televisão que transmitem incessantemente programações religiosas, de canais de rádio destinados especificamente a esse tipo de transmissão e, mais recentemente, de páginas na Internet referentes a cultos específicos e comunidades de fiéis. Em todos esses casos, a mídia é usada intencionalmente como forma de propagação de uma mensagem religiosa e, muitas vezes, como um meio de atrair novos fiéis através de uma simplificação de algum pensamento religioso.

A *manifestação religiosa informativa*, portanto, não é necessariamente transmissão de informações já existentes fora da rede, nem implica ausência de interatividade, ainda que essa interatividade seja limitada à escolha de informações desejadas que, na maioria das vezes, equivalerá à escolha de um caminho linear dentro de uma estrutura hipertextual.

Manifestações desse tipo incluem informações religiosas de qualquer teor disponibilizadas em *sites* por qualquer tipo de usuário – organização religiosa oficial ou não, indivíduo etc. –, jornais religiosos, artigos acadêmicos sobre religião, sermões disponibilizados *online*, entre outras.

2.3.2. Manifestação religiosa espacial – lugar

A segunda percepção da Internet proposta por Markham, a rede vista como lugar, é a base do que será chamado *manifestação religiosa espacial* que abarca tanto discussões religiosas, metafísicas e espirituais que envolvam a interação entre usuários, quanto rituais e práticas religiosas em geral, independente de interação.

⁷ Pode-se perceber aí o sentido transmissional de comunicação a que Carey (1989) se refere.

Discussões envolvem necessariamente a criação de um “espaço” comum, ainda que frágil (como no caso de troca de e-mails), e podem ou não criar comunidades (“pertencimento” a um determinado grupo). Rituais e práticas religiosas por si só requerem e comportam uma espacialidade, mas podem ser individuais ou coletivas e levar ou não à formação comunitária.⁸

Esse tipo de manifestação envolve “presença”, “pertencimento” e/ou “participação ativa” que vá além da interatividade por escolha de informações.

Além disso, a manifestação religiosa espacial é especialmente importante justamente na medida em que esse tipo de ocorrência religiosa na rede abre a possibilidade do uso das características midiáticas para a criação de comunidades virtuais, reforçando a relação primária entre comunicação, comunidade e religião.

James Carey (1989, p. 23), a partir de um estudo de vários autores, define comunicação como “o processo simbólico através do qual a realidade é produzida, mantida, consertada e transformada”. Na análise que Carey (1989) faz da pesquisa de John Dewey, a relação entre comunidade e comunicação é evidente. Segundo Dewey (apud Carey, 1989, p. 13-14), “a sociedade existe não só por transmissão, por comunicação, mas pode ser dito razoavelmente que existe na transmissão, na comunicação” (grifo da autora). Como já foi mencionado acima, para Carey, essa diferenciação a que se refere Dewey é conseqüência das duas abordagens através das quais este trata a comunicação, presentes desde a cunhagem do próprio termo: a de transmissão e a de ritual.

A primeira baseia-se na idéia de transmissão de informações e controle através do espaço, e a segunda na construção, ordenação e manutenção de crenças comuns no tempo. As duas vertentes da comunicação caminham lado a lado até hoje. Entretanto, quando se fala em comunidade, é a visão ritualística que predomina, ainda que em constante diálogo com a visão da

⁸ Pode-se argumentar que qualquer ritual ou prática religiosa está relacionada a uma comunidade religiosa imaginada, ou seja, está inserida dentro de um sistema de crenças religiosas, metafísicas ou espirituais.

comunicação como transmissão. Enquanto nessa última a palavra final é expedição, na outra é partilha. A mais antiga das duas concepções, a abordagem da comunicação como ritual, “é conduzida não para a propagação de mensagens no espaço, mas para a manutenção da sociedade no tempo; não o ato de expedir informações mas a representação de crenças partilhadas” (Carey, 1989, p.18). Em outras palavras, a comunicação tem um papel fundamental na partilha e manutenção dos laços comunitários. Laços comunitários esses que, como foi visto pela definição de Durkheim, são o cerne da concepção de religião.

Inicialmente, essa partilha era feita através da comunicação oral, ou seja, era uma partilha direta, sem mediação tecnológica, normalmente reafirmada através de cerimônias sagradas de companheirismo e pertencimento – ritual. No entanto, ao longo do tempo, essa função da oralidade passa a ser complementada por outras formas de comunicação, mais ou menos eficientes nessa vertente “ritualística”.

A Internet mostra-se um meio especialmente propício para a emergência de comunidades em função de algumas de suas características específicas, como sua processualidade e participatividade (Murray, 1998) – que proporcionam o sentimento de interatividade – e sua espacialidade e enciclopedicidade – responsáveis pelo sentimento de imersão. Não cabe aqui entrar em detalhes sobre cada uma dessas características, mas vale ressaltar que elas em seus diferentes graus de manifestação serão determinantes para a caracterização de cada atuação religiosa – ou não – na Internet.

Exemplos de manifestações religiosas espaciais são fóruns de discussão, *chats*, listas de discussão, ambientes religiosos 3D, rituais de acender velas, peregrinações virtuais etc.

2.3.3. Manifestações religiosas metafísicas – modo de ser

O último modo de perceber a Internet, como estado de ser, representa a *manifestação religiosa metafísica* ou as formas de alcançar a transcendência *online* proposta pelas “tecno-religiosidades”, isto é, grupos religiosos que vêm na tecnologia a solução dos problemas do mundo e/ou no ciberespaço um espaço sagrado de salvação pessoal. É principalmente no aspecto imaginário – espacial e social – que a Internet se torna um meio intensificador da experiência transcendente, de libertação corporal e temporal, que pretende oferecer uma alternativa à realidade física.

É também a partir da idéia de que tudo pode ser convertido em informação, a mesma usada pelos defensores e desenvolvedores da inteligência artificial e intensificada pelos progressos alcançados pela engenharia genética, que esse espaço como nova forma de “existência” torna-se possível.

Pode-se se dizer que a mídia, nesse caso, é vista como espelho da religião (Dayan, 2000), isto é, como (re)produtora de uma religiosidade e, em última instância, como uma religião em si.

Essa última categoria é característica da contemporaneidade e de um passado recente. Os grandes acontecimentos televisionados, por exemplo, tomam a forma de um ritual religioso, “marcando um crescimento do círculo privado, esses acontecimentos chamam uma “visionnage” coletiva, dando quase sempre lugar a reuniões ou a recepções freqüentemente interrompidas por comunicações telefônicas” (Dayan, 2000, p. 257).

Esses acontecimentos não são necessariamente de teor religioso no sentido convencional, mas são tornados “religiosos” pela mídia, isto é, adquirem uma conotação ritualística, sagrada e, segundo Dayan, até comunitária.

O mesmo tem sido dito da Internet (Wertheim, 2001; Rheingold; Dibbell, 1998; Dery, 1996; Davis, 1998) e sua possibilidade de criar um sentido de *communitas* e de sagrado através não só da participação do usuário no meio, como também de sua utilização para ascensão a uma transcendentalidade. Isto é, a conotação religiosa viria não só da participação no meio constituindo um senso comunitário, onde rituais e o sagrado estão presentes, mas também de sua utilização como meio para a obtenção de uma imortalidade e transcendência.

Ao falar em mídia como religião, portanto, trata-se da mídia não como ídolo de uma religiosidade, mas como meio para a sua existência, seja como nova produtora de sentimentos como comunidade, ritual e sacralidade, antes de alçada estritamente religiosa, como também como aquilo que é necessário para a obtenção de uma tão desejada transcendência, que não parece mais ser oferecida pela tradição religiosa de forma satisfatória, isto é, da relação homem-tecnologia (e nesse momento trata-se da mídia estritamente como tecnologia) como a obtenção imediata da “imortalidade”, do “conhecimento”, da “transcendência”.

Tecnopaganismo e transumanismo⁹ são dois exemplos de sistemas de crenças que vêm na tecnologia uma esperança de “religiosa”. O modo estado de ser envolve desde a participação no ciberespaço como lugar alternativo de construção e experimentação do *self* – a participação em MUDs, por exemplo

⁹ A *World Transhumanist Association* (acessado em 06/2005) “apóia o desenvolvimento e acesso a novas tecnologias que permitem a todos aproveitar mentes melhores, corpos melhores e vidas melhores. Em outras palavras, queremos que as pessoas se sintam melhores do que bem”. Entre seus princípios estão “(1) A humanidade será radicalmente mudada pela tecnologia no futuro. Prevemos a possibilidade de redesenhar a condição humana, incluindo parâmetros como a inevitabilidade do envelhecimento, limitações nos intelectos humano e artificial, psicologia não-escolhida, sofrimento e nossa restrição ao planeta Terra. [...] (4) Transhumanistas advogam o direito moral daqueles que desejam usar a tecnologia para expandir suas capacidades mentais e físicas (inclusive reprodutivas) e para melhorar seu controle sobre suas vidas. Buscamos crescimento pessoal além de nossas limitações biológicas atuais”.

– até outros tipos de manifestação ainda distantes como o *download* do cérebro para o meio digital proposto por Hans Moravec.¹⁰

3. Exemplo de aplicação da classificação ao caso *Church of Fools*

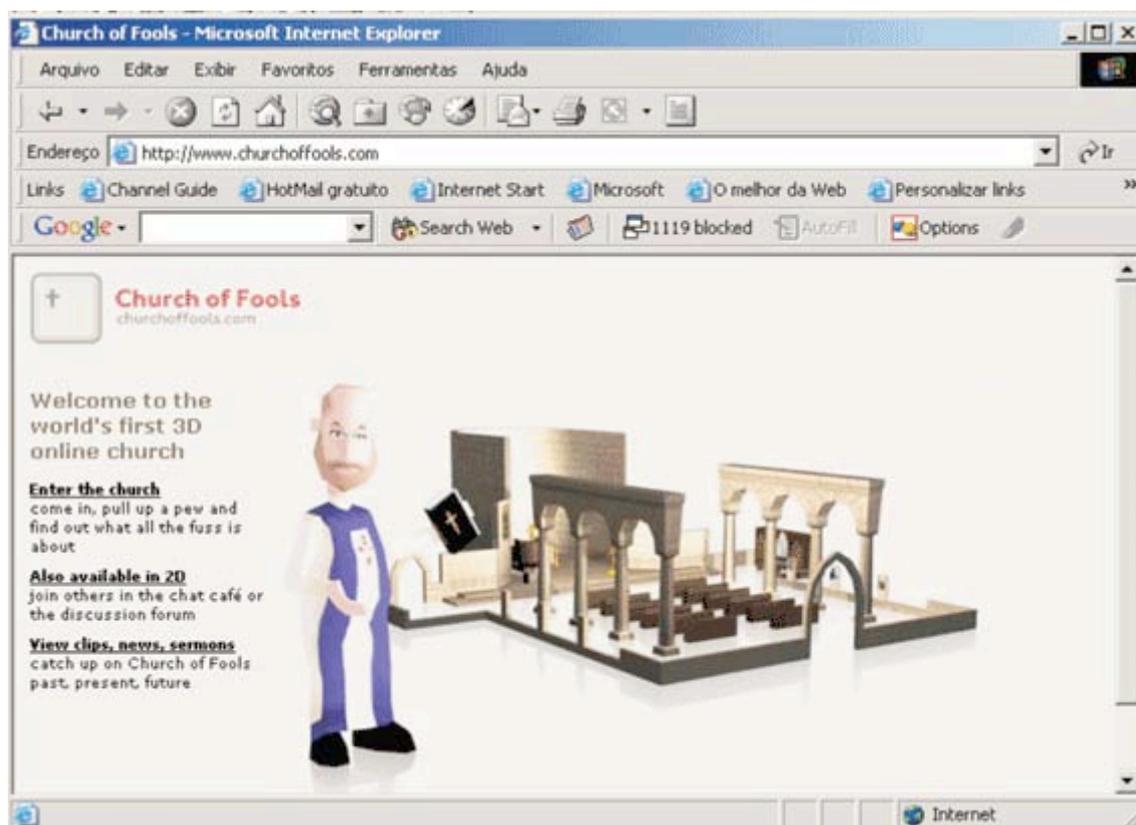
A *Church of Fools* é um projeto da revista virtual cristã *Ship of Fools* e da Igreja Metodista do Reino Unido. Trata-se de uma Igreja virtual 3D de multi-usuários que funcionou experimentalmente durante quatro meses, foi desativada em função de falta de verba e reativada como Igreja virtual 3D para visitação individual. Inicialmente, os usuários adentravam o espaço tridimensional incorporando um *avatar*,¹¹ podendo percorrer o espaço da Igreja, participar de serviços, rezar e conversar com os outros participantes. A *Church of Fools* conta com dois espaços: um santuário, semelhante à Igreja tradicional, e uma cripta no subsolo, local mais livre para discussões e conversas.

Hoje, o *site* da *Church of Fools* apresenta em sua página inicial chamadas (*links*) para o usuário divididos em função das interfaces/tipos de manifestação que estão disponíveis na página. A primeira chamada é para a Igreja virtual, a segunda para o *chat* do café e o fórum de discussão (ambos em 2D, como o próprio *link* divulga) e a terceira para clipes, novidades e sermões. Será visto em seguida como cada uma dessas chamadas se encaixa na classificação de manifestações religiosas proposta anteriormente. Cabe, porém, ressaltar que, em certos casos, uma mesma “grande” manifestação pode abranger diferentes categorias em função do tipo de participação do usuário. O que será percebido é que, no caso dos dois tipos de manifestação

¹⁰ Hans Moravec prega o *download* da mente para o computador como uma forma de alcançar não só a imortalidade como também a possibilidade de algo além da pura existência humana, uma existência mais evoluída e permanente. A corrente teórica de Moravec vê a mente como representativa do ser humano e parte do pressuposto de que o ser humano pode ser convertido em informação, o mesmo raciocínio que desvaloriza o corpo ao propor a possibilidade de “transcendência” através de meios de comunicação como a internet.

¹¹ Na mitologia hindu, avatar significa a encarnação de um deus em um corpo mortal.

que requerem um maior envolvimento e participação do usuário – a manifestação religiosa espacial e a manifestação religiosa metafísica – a forma como esse participante atua é fundamental no enquadramento em um ou outro tipo de manifestação.

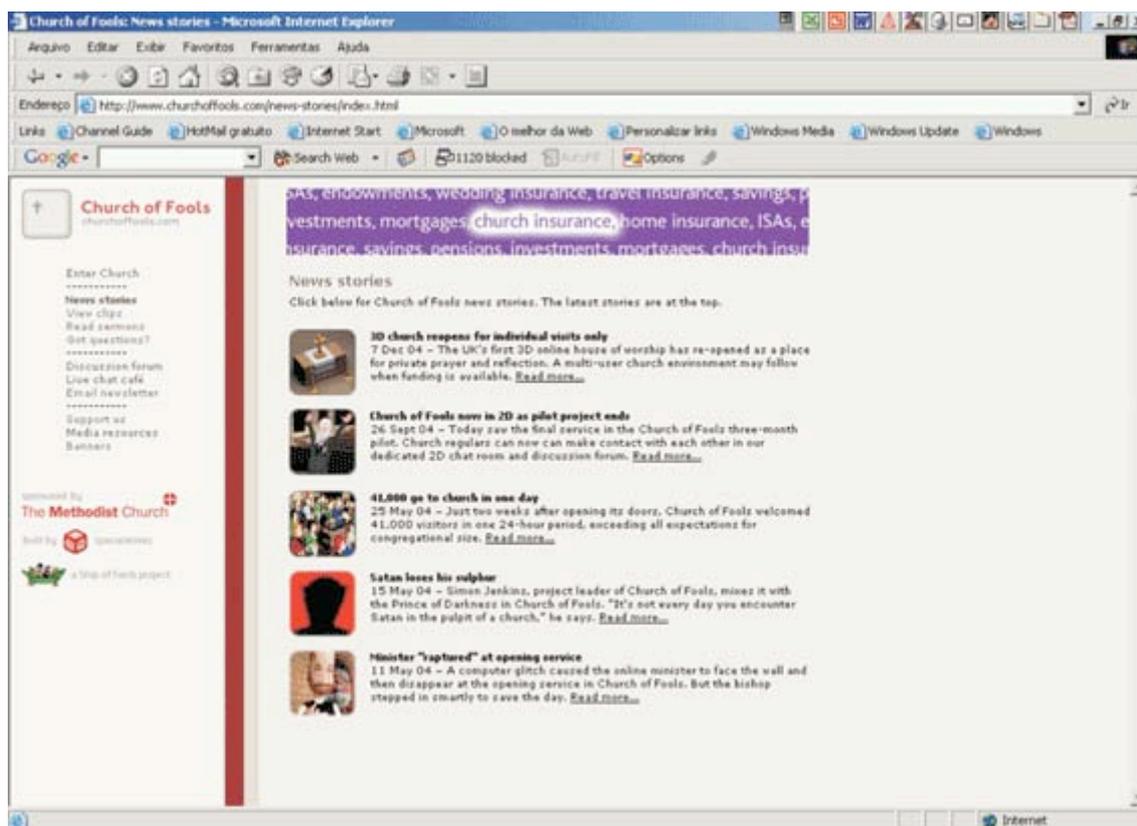


3.1. Informações sobre o passado, presente e futuro da *Church of Fools*

Ao entrar no link *clipes, novidades e sermões*, o usuário encontra-se diante de *clippings* de notícias sobre a *Church of Fools*, pequenos vídeos de momentos da Igreja virtual 3D, sermões da mesma disponibilizados em forma de texto e um painel de perguntas no qual são respondidas as questões fundamentais sobre o surgimento do projeto, seus objetivos, acontecimentos e

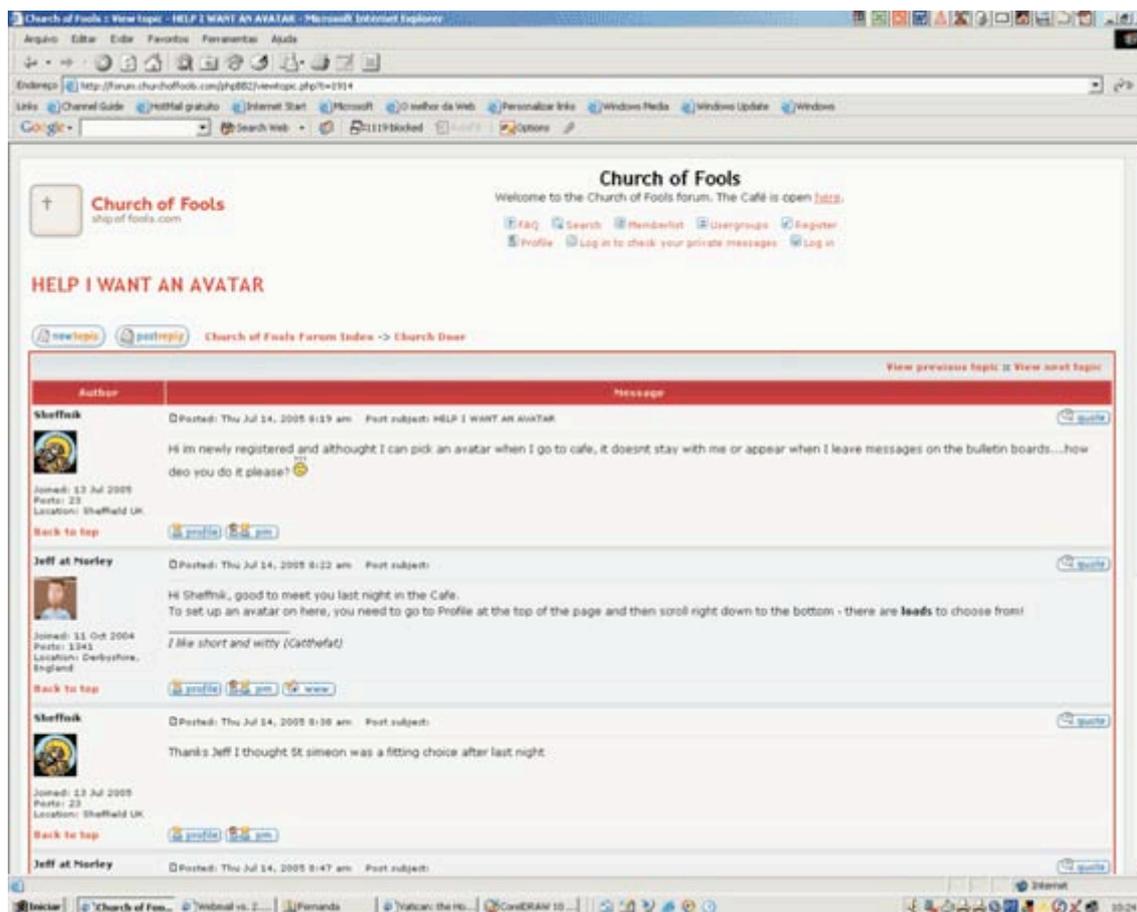
resultados. Além disso, há uma parte destinada aos jornalistas com informações para contato, imagens da Igreja virtual e fragmentos do que já foi veiculado na mídia; *banners* disponibilizados para divulgação em páginas pessoais; e um *link* para doações.

Todas essas informações, apesar de oferecerem ao “leitor” a possibilidade de escolher e navegar entre elas e estarem disponíveis em diferentes mídias, são de caráter unidirecional, isto é, não consideram uma resposta do usuário. Nesse sentido, podem ser enquadradas como manifestações religiosas informativas. A partir delas, a Internet está sendo usada como uma ferramenta para veicular informações para possíveis participantes da Igreja, jornalistas ou meros curiosos.



3.2. O fórum e o café

O fórum é um espaço em que usuários podem participar de discussões sobre temas diversos relativos à religião e, na maioria das vezes, à *Church of Fools*. O fórum, assim como o café, foi criado após a Igreja ter sido desativada como meio para discutir o projeto, propor soluções e manter a comunidade.



O café é um espaço bidimensional dividido em alguns cômodos em função de seus objetivos: varanda, sala de debate, capela silenciosa, sala de estudos, cripta e santuário, esses dois últimos espaços transpostos da Igreja 3D, entre outros. O café não se destina somente a discussões em tempo real, mas também a grupos de reza, grupos de estudo e rituais solitários na capela silenciosa, por exemplo.

Tanto o fórum quanto o café contam com a participação de usuários cadastrados ou visitantes. O cadastramento é estimulado, dá direito a uma maior participação e à utilização de um *avatar*. Esse *avatar* pode ser o mesmo tanto no café quanto no fórum e serve também como identificação do usuário pelos participantes do grupo.

A *Church of Fools* proíbe o uso de identidades múltiplas: “você só pode ter um único ‘user name’ na *Church of Fools*. Se você precisar desesperadamente mudar de identidade por uma boa razão, converse em particular com um administrador”.

Ambos os tipos de manifestação enquadram-se na manifestação religiosa espacial, o fórum como um espaço de discussão que comporta discussões religiosas e comunitárias, e o café como espaço de discussão e de rituais e práticas religiosas.

3.3. A Igreja

A Igreja virtual foi, em um primeiro momento, um espaço tridimensional de multi-usuários, mas hoje, em função das limitações do projeto, funciona como um espaço 3D individual. Em sua configuração inicial, a Igreja virtual tratava-se predominantemente de uma manifestação religiosa espacial – e era este seu objetivo: o santuário era o local dos rituais e práticas religiosas e a cripta local de discussão de temas espirituais e metafísicos. Todavia, a interface 3D da Igreja e seu caráter de multi-usuários podia certas vezes dar lugar a manifestações religiosas metafísicas.

Como foi visto anteriormente, essas manifestações religiosas do tipo metafísico estão atreladas a uma desvalorização do corpo, que se manifesta tanto na hibridação cibernética, ou mesmo, na eliminação do corpo em nome da informação a partir de uma premissa de redução do ser humano ao pensamento, como também na presença em espaços “de mundo” alternativos

que também carrega consigo uma idéia de desmaterialização e, nesse caso, rematerialização em um *avatar*.

No caso da *Church of Fools*, a manifestação metafísica se dá na utilização do ciberespaço como espaço de mundo,¹² algo que já fora vislumbrado por outros meios mas que se concretiza de forma absoluta na Internet. Nela, o usuário pode participar de comunidades de acordo com suas predileções, pode viver em mundos virtuais através de um ou mais personagens chamados, não ingenuamente, de *avatars*, pode participar de *chats*, listas de discussões e outras manifestações sociais.

Nesses espaços sociais as pessoas podem escolher sua identidade e sua aparência, ou seja, podem colocar a máscara que desejarem, ou mesmo, máscara nenhuma. Através da máscara o usuário está presente nesses “outros mundos”, interagindo e experimentando acontecimentos que muitas vezes ou carregam uma carga emocionalmente real ou têm desdobramentos no mundo físico. Por outro lado, o ciberespaço traz também uma conotação mágica e, nesse sentido, libertária, que permite que o usuário não precise agir segundo as regras existentes no mundo físico, mas esteja livre para imaginar o que desejar. Julian Dibbell conta os detalhes de sua participação no LamdaMOO, um dos mais famosos MUDs textuais, em seu livro *My tiny life*. O avatar de Dibbell (1998, p. 43) morava dentro de uma televisão situada dentro de um quarto de hotel:

Eu havia acordado, como de costume, em meio ao esplendor oriental confortavelmente acolchado com que eu decorei [o aparelho de televisão] (retirando grande parte da minha inspiração, não há mal nenhum em que você saiba, de memórias distantes de *I Dream of Jeannie* e do interior sedoso da lâmpada mágica de Barbara Eden.

¹² A internet é, pela primeira vez, vista como um espaço com a invenção dos *Bulletin Board Systems* – quadro de avisos em que os usuários podiam “colar” recados. Antes, a rede era restrita ao acesso remoto de informações e à comunicação via *e-mail*. O *e-mail* foi o passo decisivo para a criação de comunidades como as listas de discussões que, mais adiante, com a nova visão espacial da internet, dariam origem a espaços sociais.

Nessa vertente mágica, a morte torna-se facilmente contornável. Um personagem pode morrer, uma máscara pode cair e para continuar vivendo na virtualidade só é preciso criar um novo *avatar* ou uma nova máscara.

É justamente nesse aspecto “comunitário” de “espaço de mundo” que a manifestação metafísica pode ser apontada como existente na *Church of Fools*. Esse tipo de manifestação depende do tipo de relacionamento do usuário com o ciberespaço, o que significa que não necessariamente a Igreja virtual tridimensional é um espaço de manifestações religiosas metafísicas, mas que pode ser utilizado assim em decorrência do tipo de participação dos seus usuários. Por exemplo, a experimentação lúdica com *avatars* permitida pelo espaço e os movimentos de perturbação da Igreja por *trolls*, que participavam das manifestações espaciais com o simples intuito de criar baderna, podem ser apontados como manifestações religiosas metafísicas.

Na configuração atual, como espaço 3D de visitação, a Igreja se destina principalmente a rituais solitários ou a conexões metafísicas diretas, sendo um espaço propício a manifestações religiosas espaciais.



4. Conclusão

As formas de manifestação religiosa na Internet não deixam de crescer. O que faz com que a Internet seja um meio que favoreça esse tipo de manifestação? Como as características desse meio interferem na forma de se “fazer” religião? Antes que seja possível chegar a essas conclusões mostrou-se necessário mapear os tipos de ocorrências religiosas na rede.

A partir da categorização das manifestações religiosas virtuais em informativas, espaciais e metafísicas, pode-se enxergar com maior precisão não só como a Internet é percebida e utilizada por seus participantes, mas também que certos modos de participação – nesse caso, os referentes às manifestações religiosas espaciais e metafísicas – podem demonstrar novas formas de “fazer” religião e de participar em comunidade. Essa constatação

inicial permite vislumbrar o início de uma investigação sobre como atuam essas manifestações religiosas, como as características da Internet são utilizadas na construção de novas práticas religiosas e comunitárias, e que resultado isso produz nas práticas ditas “tradicionalistas”.

Cabe futuramente, não só uma preocupação com a atualização dessa tipologia frente a constante metamorfose do meio, como também um estudo mais extenso sobre as especificidades da Internet partindo da variedade de ocorrências religiosas existentes que, como foi visto anteriormente, são espelhos das formas de visualizar, utilizar e idealizar o meio.

Bibliografia:

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Londres/Nova Iorque: Verso, 1983.

BLUMENBERG, Hans. *The legitimacy of modern age*. Cambridge/Massachusetts: MIT, 1985.

CAREY, James W. A cultural approach to communication. In: *Communication as culture*. Essays on media and society. Boston: Unwin Hyman, 1989.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org). *História da leitura no mundo Ocidental*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2002.

DAVIS, Erik. *Techgnosis: myth, magic + mysticism in the age of information*. Nova Iorque: Three Rivers, 1998.

_____. Technopagans.
<www.techgnosis.com/index_technopagans.html>. (Originalmente publicado em *Wired Magazine*, 1995).

DAYAN, Daniel. Les grands événements médiatiques au miroir du rituel. In: Bréchon, Pierre; Willaime; Jean-Paul. *Médias et religions en miroir*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

- DEBRAY, Régis. *Curso de Midiologia Geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DERY, Mark. *Escape velocity: cyberculture at the end of the century*. Nova Iorque: Grove Press, 1996
- DIBBELL, Julian. *My tiny life: crime and passion in a virtual world*. Nova Iorque: Owl Books, 1998
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa*. Os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI. *Religião-rito*, vol. 30. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.
- FELINTO, Erick. Como ser pós-humano na rede: o discurso da transcendência nos manifestos ciberculturais. Artigo apresentado ao NP 02 – Tecnologias da Informação e da Comunicação do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004.
- HELLAND, Christopher. “Surfing for salvation”. *Religion*, 32, p. 293-302, 2002.
- Jensen, Jens F. *Interactivity: tracking a new concept in media and communication studies*. In: MAYER, Paul A. (ed). *Computer media and communication: a reader*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.
- KARAFLOGKA, Anastasia. “Religious Discourse and Cyberspace”. *Religion*, 32, p. 279-291, 2002.
- Murray, Janet. *Hamlet on the Holodeck: the future of narrative in cyberspace*. Cambridge: MIT Press, 1997.
- RHEINGOLD, Howard. *The virtual community*. Nova Iorque: HarperPerennial, 1993. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>.
- WERTHEIM, Margareth. *Uma história do espaço de Dante à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

PAVAO, Aaron. Introduction to Technopaganism and Technoshamanism.
<http://project.cyberpunk.ru/idb/technopaganism_and_technoshamanism.htm>.
Acessado em: 06/2005.

Sites

Church of Fools <www.churchoffools.com>

Virtual Church <www.virtualchurch.org>

The Virtual Church <www.thevirtualchurch.com>

Partenia <www.partenia.org>

Extropy Institute <www.extropy.com>

Meu Santo <www.meusanto.com.br>

World Transhumanist Association <www.worldtranshumanim.org>